

O SERTÃO E OS SERTANEJOS DO NORTE DE MINAS GERAIS: PARALELOS ENTRE O IMAGINÁRIO SOCIAL E LITERATURA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA¹

Thaís Dias Luz Borges Santos²

RESUMO: João Guimarães Rosa fala de um sertão no Norte do Estado de Minas Gerais em uma região em que corre o Rio São Francisco. Partindo de um ponto de vista socioantropológico pela descrição densa daquela região e dos modos de vida daquelas pessoas. Região essa onde o sagrado, profano, real e imaginário, se misturam criando assim uma miscelânea de crenças. Entender a construção do real e imaginário, e se o real é mesmo real e existe, se tornou uma necessidade, uma busca à partir do momento em que tive acesso à obra do pensador francês de origem grega: Cornelius Castoriadis(1922-1997). Foi Guimarães Rosa quem me despertou para o imaginário social latente, e foi Castoriadis que incitou em mim uma explicação filosófica para esse fenômeno. Dessa maneira o objetivo desse trabalho seria traçar um panorama do que seria esse imaginário social latente nos sertanejos do Norte de Minas Gerais e suas relações com a literatura de João Guimarães Rosa. O interesse maior por trás de todo o exposto acima e o que virá a ser exposto sobre a teoria do imaginário está na busca para entender que categoria sertão é essa consagrada não só na obra de Guimarães Rosa, assim como Ariano Suassuna e Graciliano Ramos. Me detenho com uma dimensão simbólica da categoria sertão, repleta de representações que são feitas e descritas pelos moradores da região.

*Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. (...) Um grande sertão!*³



¹ Estes escritos fazem parte da minha dissertação de mestrado: LUZ, Thaís. **Voos da espera e da esperança: o bairro Sagrada Família e as estratégias de permanência no Sertão Norte-Mineiro**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

² LUZ, Thaís. Doutorado em Antropologia Social no PPGAS/UFG.

³ (ROSA, 1994, p. 134) - FOTO Bairro Sagrada Família no Sertão do São Francisco/MG. FONTE: LUZ, Thaís. Norte de Minas Gerais, Maio de 2013. 1 fotografia, color

O SERTÃO

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.⁴

João Guimarães Rosa fala de um sertão no Norte do Estado de Minas Gerais em uma região em que corre o Rio São Francisco, partindo de um ponto de vista socioantropológico de descrição densa daquela região e dos modos de vida daquelas pessoas. Nessa região o sagrado, o profano, o real e o imaginário se misturam criando uma miscelânea de crenças. Entender a construção do real e do imaginário, e também se o real é mesmo real e existe, tornou-se, para mim, uma necessidade, uma busca a partir do momento em que tive acesso à obra do pensador francês de origem grega: Cornelius Castoriadis (1922-1997). Além disso, Guimarães Rosa me despertou pro imaginário social latente

No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso... (ROSA, 1994, P. 113)

Enquanto que Castoriadis, incitou em mim, uma explicação filosófica para esse fenômeno. Por esta razão pretendo traçar um panorama geral do que seria esse imaginário social para este autor.

Em “A instituição imaginária da sociedade” o Castoriadis define que imaginário

nada tem a ver com as representações que circulam correntemente sobre este título. Em particular, isso nada tem a ver com o que algumas correntes psicanalíticas apresentam como “imaginário”: o “especular”, que, evidentemente, é apenas imagem de e imagem refletida, ou seja, reflexo, ou, em outras palavras ainda, subproduto da ontologia platônica (eidolon), ainda que os que utilizem o termo ignorem sua origem. O imaginário não é a partir da imagem no espelho ou no olhar do outro. O próprio espelho, e a sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário que é criação ex nihilo. Aqueles que falam de “imaginário” compreendendo por isso o “especular”, o reflexo ou o “fictício”, apenas repetem, e muito frequentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre e um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem de alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/ formas/ imagem, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos. (CASTORIADIS, 1982, p. 13)

Assim a imaginação e o imaginário estão no centro de todo o pensamento.

⁴ (Ibidem, p. 85)

Veja-se o pensamento de Castoriadis sobre o imaginário vindo à tona em trechos do romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Exemplos de como a mente humana constrói suas crenças e medos e os exterioriza, nesse caso específico, os pensamentos do jagunço Riobaldo.

O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. (ROSA, 1994, p.132)

O meu interesse maior por trás do exposto acima e o que virá a ser exposto sobre a teoria do imaginário, está na busca em entender que categoria “sertão” é essa consagrada na obra de Guimarães Rosa, assim como em Ariano Suassuna e Graciliano Ramos, uma vez que o norte de Minas Gerais é conhecido com Sertão.

Caminhar de noite, no breu, se jura sabença: o que preza o chão – o pé que adivinha. A gente imagina uns buracões disformes. A gente espera vozes. É. Pouquinhos estrelas dando céu; a noite barrava bruta. Digo ao senhor: a noite é da morte? Nada pega significado, em certas horas. Saiba o que eu mais pensei. No seguinte: como é que curiango canta. Que o curiango canta é: Curí-angú! (ROSA, 1994, 282)

Detenho-me nessa dimensão simbólica da categoria sertão, que em meu local de pesquisa de mestrado, São Francisco-MG, é repleta de representações que são feitas e descritas pelos moradores que, desta maneira, dialogam com as descrições de João Guimarães Rosa em sua literatura na qual “O sertão está em toda a parte” (1994, p. 02).

Tuan (1980) afirma que a literatura é fonte minuciosa da percepção de mundo dos seres humanos pois é com sutileza e leveza de palavras que os escritores conseguem expressar as diferentes visões de mundo existentes. Assim, recorrer à literatura é uma opção analítica posto que nela encontramos experiências íntimas relacionadas ao lugar (TUAN, 1983), o que a torna necessária para compreensão dessa categoria que chamamos “sertão” entendida, também, com uma região interiorana distante do litoral.

No começo, aquilo me corria só os calafrios de horror, a idéia minha refugava. Mas, a pouco, peguei às vezes uma ponta de querer saber como tudo podia ser, eu imaginava. Digo ao senhor: se o demônio existisse, e o senhor visse, ah, o senhor não devia de, não convém espiar para esse, nem mi de minuto! – não pode, não deve-de! São se só as coisas se sendo por pretas – e a gente de olhos fechados. (ROSA, 1994, 322)

Tudo isso foi dito para contextualizar as conexões entre literatura e filosofia, resgatando sucintamente alguns aspectos mais importantes do pensamento de Castoriadis no que toca a discussão da construção do imaginário.

Castoriadis afirma que na criação do imaginário no domínio social histórico o homem só existe porque existe também uma sociedade na qual ele está inserido; o Ser é visto a partir de um abismo de interações no tempo, como algo que ainda está para ser. O homem é singular assim como cada sociedade é singular, dotada de peculiaridades. Apesar dessa singularidade, o pensamento do homem está condicionado pela instituição a qual ele pertence. Ou seja, os significados e significações do ser seriam, por assim dizer, imaginários já que foram induzidos por um conjunto de normas e valores daquela sociedade na qual sua criação está intrínseca, e por articularem pontos comuns a todos os indivíduos ali contidos esses significados passam a ser também sociais.

Aquilo que mantém uma sociedade reunida é evidentemente sua instituição (...) tomando aqui a palavra instituição no sentido mais amplo e mais radical: normas, valores, linguagem, instrumentos, procedimentos e métodos de fazer frente às coisas e de fazer coisas e ainda, é claro, o próprio indivíduo, tanto em geral como no tipo e na forma particular que lhe dá a sociedade considerada. (CASTORIADIS, 1987, p.229)

A instituição se impõe “*de modo superficial mediante a coerção e as sanções (...) e de forma mais ampla, mediante a adesão, o apoio, o consenso, e legitimidade, a crença*”⁵. É nesse contexto que Castoriadis chama a atenção para o *magma das significações imaginárias sociais* que é visto como “*um tecido imensamente complexo de significações que impregnam, orientam e dirigem toda a vida daquela sociedade*”⁶ esse magma seria o todo construído em torno do que seriam os “*espíritos, deuses, Deus; polis, cidadão, nação, Estado, partido; mercadoria, dinheiro, capital, taxas de juros; tabu, virtude, pecado, etc.*”⁷. Nesse sentido “*é a instituição da sociedade que determina o que é e o que não é ‘real’, o que ‘tem um sentido’ e o que é desprovido dele*”⁸.

Nesse emaranhado de significados e significações que, através do desenvolvimento das suas capacidades lógicas e físicas e do surgimento da própria autonomia, o ser re-significa o que está posto e imposto.

Tudo o que se nos apresenta, no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico [...] Encontramos primeiro o

⁵ (CASTORIADIS, 1987, p.229).

⁶ (Ibidem, p. 230)

⁷ (Ibidem, p.231)

⁸ Ibidem (, p.232)

simbólico, é claro, na linguagem. Mas encontramos igualmente, num outro grau e de uma outra maneira, nas instituições. As instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico. (CASTORIADIS, 1986, p. 142)

Portanto, o real é face do imaginário, e é no simbólico que o imaginário toma corpo e se faz existir, “*o simbolismo supõe a capacidade de estabelecer um vínculo permanente entre dois termos, de maneira que um representa o outro*”⁹. As instituições projetam a verdade no imaginário social e por isso precisam de regras e sanções que atuam na funcionalidade da coisa. Em alguns aspectos somos incitados a crer que o imaginário é usado como fonte de alienação, uma vez que “*o imaginário seria a solução fantasiosa das contradições reais (...) e sempre vem satisfazer uma necessidade real da sociedade*”¹⁰.

Só existe história porque os homens comunicam e cooperam num meio simbólico. Mas esse simbolismo é ele próprio criado. A história só existe na e pela linguagem, mas essa linguagem, ela se dá, ela constitui, ela transforma. . Faz parte da natureza do sujeito o alienar-se nos símbolos que emprega. (CASTORIADIS, 1986, p. 169.)

Sou o que sou porque estou inserido em uma sociedade e ao conviver com o outro, próximo a mim, me identifico ou identifico dessemelhanças. O todo é antes de tudo um símbolo. É na imaginação radical que o homem toma ciência da sua conjuntura e cria os mecanismos necessários para mudança social e individual. É impossível, assim, pensar em história distante da imaginação produtiva ou criadora (imaginário radical). Portanto o “*histórico só existe cada vez em uma estruturação trazida por significações cuja gênese nos escapa como processo compreensível, visto que ela pertence ao imaginário radical*” (CASTORIADIS, 1986, p. 184.).

O imaginário social é, primordialmente, criação de significações e criação de imagens ou figuras que são seu suporte. (...) Estabelecendo o signo, o imaginário social faz existir, pela primeira vez no desenvolvimento do universo, a identidade, como ela não existe e não pode existir em nenhum lugar fora disso; ele institui a identidade e a ‘instituiu em e pela figura. (...) A sociedade não pode instituir-se sem se instituir como algo; este algo é já necessariamente significação imaginária, porque não pode ser nenhuma outra coisa. (CASTORIADIS, 1986, p. 277/285/310)

Diante do exposto queremos chamar a atenção para o fato de que está no pensamento moderno a autonomia do imaginário radical. E que a instituição da sociedade é composta de magmas das significações imaginárias. O real é e não é. A

⁹ (Ibidem, p. 155)

¹⁰ (Ibidem, p. 162)

mente acredita não só no que está posto, mas também naquilo que a sua imaginação é capaz de supor existir. Aquilo que o indivíduo acredita ser real pelas suas experiências emaranha-se com o dito “irreal” compondo o seu todo. E assim cada sociedade vai se (re)afirmando e se diferenciando pelos potenciais imaginativos.

O que é de paz, cresce por si: de ouvir boi berrando à forra, me vinha idéia de tudo só ser o passado no futuro. Imaginei esses sonhos. Me lembrei do não-saber. E eu não tinha notícia de ninguém, de coisa nenhuma deste mundo – o senhor pode raciocinar. (ROSA, 1994, 403)

Não seria despropositado afirmar – e aí reside muito de nossa originalidade - que “Sertão” é uma peculiaridade do Brasil, ocorre aqui e não em qualquer outro lugar: “sertão é um espaço físico e imaginário tipicamente brasileiro¹¹”.

Grande sertão: veredas é desses livros inesgotáveis, que podem ser lidos como se fossem uma porção de coisas: romance de aventuras, análise da paixão amorosa, retrato original do sertão brasileiro, invenção de um espaço quase mítico, chamada à realidade, fuga da realidade, reflexão sobre o destino do homem, expressão de angústia metafísica, movimento imponderável de carretilha entre real e fantástico e assim por diante." (Antonio Candido, 1971)¹²

Em análises de configuração mais conhecida ou divulgada, a obra de João Guimarães Rosa teria se iniciado na terceira fase do Modernismo e viria a se impor como um marco no desenvolvimento da literatura brasileira. A produção literária de base regionalista, em geral, abordava os problemas do país de forma superficial, ratificando, na literatura, diversos preconceitos. Evidentemente, esse não é o caso de João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Se, por um lado, o regionalismo de João Guimarães Rosa minimiza a ênfase na paisagem, por outro focaliza o ser humano em conflito com o ambiente e consigo próprio, isso o predispõe a tratar as personagens, seja nas suas particularidades regionais, seja na sua amplitude universal, profundamente. É a dimensão regional que desejamos frisar aqui. Em Guimarães Rosa há, claramente, ao valorizar a cultura sertaneja, o posicionar-se na contramão do progresso que dominava o discurso desenvolvimentista que, por sua vez, embasava muito da produção literária da época.

...nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar estórias; já no berço recebemos esse dom para toda a vida. Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos em um

¹¹ RONCARI, Luiz. “Dez teses para o estudo de Guimarães Rosa”. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.15.n.10. p. 243-248, 1º sem. 2002.

¹² Acesso em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp763/pag14.htm>

mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo, a gente se habitua, e narrar estórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens." (João Guimarães Rosa em entrevista a Gunter Lorenz, "Diálogo com Guimarães Rosa", 1965).

Este trabalho se aproxima de seus sujeitos e do ambiente em que vivem, estabelecendo relações e identificando, como na literatura roseana, personagens e paisagens comuns a ambos. Parece-nos que, facilmente, o sertanejo norte-mineiro se reconhece em Guimarães Rosa, mesmo os que nunca tiveram a possibilidade de lê-lo, e sua veiculação oral está fortemente presente.

Se é no sertão brasileiro que ambientam-se, na sua maioria, os contos e romances roseanos, ali transparece todo o seu misticismo que é particular, pequeno, próximo, mas é, também, universal e infinito. "*o sertão é o mundo*"; "*o sertão é dentro de nós*".

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo Jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá - fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte. (ROSA, 1994, p.7)

Decerto, uma das características mais marcantes da tonalidade regional visíveis na obra de Guimarães Rosa é o aproveitamento que o autor faz de elementos tirados de uma cultura oral e, talvez, daí sua ressonância tão generalizada nos Gerais. Guimarães Rosa se utiliza da fala do povo como linguagem literária.

As disputas de terra, a utilização de mão-de-obra escrava ou semi-escrava, as gritantes diferenças sócio-econômicas e culturais permeiam toda a obra de Rosa, contemporânea a questões, sobretudo relativas a meio-ambiente e sustentabilidade. Em *Grande sertão: veredas*, Riobaldo, narrador do romance, explica a seu entrevistador que, se ele foi conhecer as potencialidades ambientais e culturais do sertão, havia chegado tarde, pois, naquele momento, tudo já se achava em estado de degradação, em vias de desaparecimento".¹³

A categoria "Sertão" para este trabalho é tomada em uma dimensão simbólica repleta de representações, na qual "O sertão está em toda a parte" (1994, p. 02). O

¹³ FONTE http://circuitoguimaraesrosa.com.br/Guimaraes_Rosa/Jose_Vinicius_Pessoa_Sobre_Guimaraes_Rosa.pdf

Sertão tem muitos significados, e é imenso, ‘do tamanho do mundo’ (ROSA, 1994, p.96). Os sertanejos, ribeirinhos, geraizeiros, vazanteiros, e tantos outros povos tradicionais, que vivem nas margens e no entorno do Rio São Francisco no sertão mineiro, demonstram que o sertão é o território de pluralidades de modos de vida tradicionais, de povos que sabem viver, conviver e preservar a biodiversidade. O Norte de Minas Gerais está repleto de representações tradicionais visíveis na pluralidade de suas festas, lendas, simbologia e religião que caracterizam e afirmam sua coesão social.

Inicialmente, todavia, a palavra sertão foi usada pelos portugueses e fazia alusão às terras “estranhas” que estão além da beira do mar. Fazendo referência a terras distantes, imaginadas como férteis, ricas que se tornaram no imaginário social sinônimo de prosperidade. A partir do século XIX a palavra ganha uma conotação não mais positiva por fazer referência, também, há costumes ditos não civilizados, por aqueles que viviam em um ‘litoral urbanizado’ (SENA e SUAREZ, 2011).

Na primeira metade do século XX, o sertão denotou a medida do descompasso entre formas de organização social e de cultura declaradas rudes e bárbaras. Porém, também apontou para um lugar de encontro do impulso civilizador com os valores autênticos da nacionalidade. É com esse último sentido que ganha força mobilizadora diversas utopias nacionalistas que pretendem combinar harmonicamente os valores civilizatórios e os valores da brasilidade, como por exemplo, a Marcha para Oeste memorializada exemplarmente por Cassiano Ricardo ([1940] 1970). (SENA e SUAREZ, 2011, p.7)

Com o plano ‘Marcha para Oeste’ o governo de Getúlio Vargas criou mecanismos e incentivou um fluxo migratório do litoral em direção ao sertão divulgando assim seus aspectos positivos. A partir do surgimento da categoria sertão, século após século, ela vem se resignificando de acordo com as mudanças estruturais, econômicas, sociais e espaciais. Nesse sentido, é interessante notar como indicado por Eli Napoleão de Lima ser...

... possível se observar que até meados deste século XX a literatura no Brasil (bem como na América Latina em geral), dada a pequenez de estudos de caráter disciplinar ou acadêmico em Ciências Sociais desempenhou, por longo tempo, papel determinante na representação da realidade. Antes de 1930, quando se inaugurou a criação das universidades modernas era frágil a divisão do trabalho intelectual. Os chamados homens de letras tinham múltiplos talentos, na maioria das vezes eram, ao mesmo tempo, educadores, políticos, poetas, militares, homens de ciência, jornalistas, literatos, advogados, etc.¹⁴

¹⁴ Eli Napoleão de. COSTA, Luiz Flávio Carvalho e outros (orgs). Mundo Rural e Tempo Presente. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.p.45

Assim, também:

Como já foi apontado por Berthold Zilly, a permanente tensão interior (ou sertão)-litoral (ou seus similares campo-cidade; atraso – progresso) encontra-se presente, de forma marcante e inequívoca, tanto na ficção como no ensaísmo latino-americano e pode ser apreendida tanto em José de Alencar, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, quanto em Heriberto Frias, Mariano Azuela, José Fernandez, José Maria Arguedas, dentre outros que tematizaram o interior, valorizando as populações mestiças e suas formas de convívio, organização social e protesto cuja alteridade e especificidade regional muitas vezes foi brutalmente atropelada pela moderna civilização globalizada.¹⁵

É, no entanto, a partir das décadas de 1970 e 1980 que autores e políticas enfrentam a problematização dos aspectos positivos e negativos do sertão, tendo “*por um lado, as negatividades de rudeza e barbárie atribuídas anteriormente ao sertão (era preciso desbravá-la) e, por outro, as positividades de abundância, fertilidade e prosperidade (era preciso aproveitá-la)*” (SENA e SUAREZ, 2011, p.7).

A alternância histórica de imagens positivas e negativas desperta, em parte, o mistério que cerca o sentido da palavra “sertão”. A esse respeito, Amado (1995 apud Lippi, 1998, p.197), nota que ‘desde o início da História do Brasil, portanto, sertão configurou uma perspectiva dual, contendo em seu interior, uma virtualidade: a da inversão. Inferno ou paraíso...’ Mas, também deve ser considerado que, por condensar uma multiplicidade de sentidos e por se tratar de um operador de identidade e diferença, o sertão é um objeto elusivo que, como expresso na poética enigmática de Guimarães Rosa (1976, p. 191), ‘estando em toda parte não está nunca onde está’. (SENA e SUAREZ, 2011, p.8)

Dessa forma, o sertão, apesar de ser definido como distante, ou até mesmo, o oposto do litoral, não possui características ou uma fórmula que permita demarcá-lo em um cartografia pois no “*imaginário nacional, o sertão é móvel e fluído, ora coincidindo com algumas regiões ora com outras*” (SENA e SUAREZ, 2011, p.12). Rodrigues (2001) evidencia já no título principal do seu trabalho “*Sertão no plural*” que muitos são os sertões do Brasil, deixando entrever assim, que as diversas formas de apropriação natural e simbólica do sertão geram também diferentes representações deste espaço. A autora enfatiza a polissemia da noção de sertão afirmando que

A palavra sertão tem uma imensa capacidade de evocar situações, lugares, objetos e símbolos. A sua presença marcante na música, na literatura de cordel, no teatro, no cinema, na dança, nos folguedos, nos relatos que tomam para si fragmentos da vida cotidiana e na literatura, são exemplos de sua polissemia (ALMEIDA; MENDES, 2008, p.31).

¹⁵ LIMA, Eli Napoleão de. “Euclides da Cunha e o Estado Novo”, In: LIMA, Eli Napoleão e outros (orgs). De sertões, desertos e espaços incivilizados. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001.p.78.

Os sertanejos seguem padrões de comportamento transmitidos socialmente, modelos mentais usados para perceber, relatar e interpretar o mundo, símbolos e significados socialmente compartilhados (Diegues, 2001). Sena (1998) afirma que devemos considerar sertão uma categoria que pertence a um grupo, a uma coletividade, que está presente no campo inconsciente e dotado de significados para os seus indivíduos, dentro “*do processo de construção ideológica do Brasil*”. A autora constrói essa interpretação valendo-se não só da literatura de João Guimarães Rosa, mas também de Euclides da Cunha, vistos como fonte singular de representação das ideias desenvolvidas nos seus escritos e também dos modos de vida dos que passaram a ser chamados de Sertanejos, por serem oriundos do Sertão. A literatura de cordel e o cangaço, segundo Godoi (1999), permitiram a construção de uma interpretação antropológica sobre o Sertão partindo do que se pode chamar: “*imaginário sertanejo*”.

O termo sertão condensa uma pluralidade de significados, um entremeado de imagens fugidias e associações apenas entrevistas de modo que, à semelhança, digamos do hau dos maoris, trata-se menos de uma coisa sobre a qual o nativo pensa do que de uma coisa através da qual ele pensa. O sertão é, simultaneamente, singular e plural, é um e é muitos, é geral e específico, é um lugar e um tempo, um modo de ser e um modo de viver, é o passado sempre presente, o fora do tempo, que não está nunca onde está. (SENA, 1998, p.21)

SENA (1998) busca demonstrar que, diferentemente do que Euclides da Cunha supunha inicialmente ser o sertão, um espaço ou lugar geograficamente delimitado, ele é “*uma forma de ser, é aquilo que dentro de nós, nos distingue, ontem e permanentemente, como brasileiros*”. Assim afirma que:

(...) em relação ao processo de construção ideológica do Brasil, o sertão pode ser entendido como “uma categoria de pensamento coletivo ou categoria inconsciente do entendimento” de que nos fala Mauss (1974^a, p. 207-241): situadas no plano do inconsciente, essas categorias operariam como princípios-diretrizes do pensamento, viabilizando ou tornando possível esse próprio pensar. Presentes na linguagem, mas de forma não explícita, essas categorias caracterizam-se por sua alta densidade simbólica, por representarem - no dizer de Lévi-Strauss (1974b, p.34) - ‘um excedente de significação’ potencialmente aplicável a uma gama variável de conteúdos simbólicos. Daí a necessidade, sublinhada por Mauss (1974^a, p. 209-210) e exemplificada em seu ensaio sobre a noção de pessoa, de se construir uma história social dessas categorias através de um levantamento comparativo das diversas formas, versões, conteúdos e expressões que elas assumem. É desse modo que proponho que a noção de sertão será entendida como uma categoria necessária e princípio-diretriz subjacente do processo de constituição de nossa nacionalidade. (SENA, 1998, p.26)

O que SENA (1998) explicita sobre o Sertão é que a falta de representações geográficas do Brasil até início do século XX, possibilitou o surgimento de várias interpretações do espaço, relacionados à localização territorial e às representações simbólicas. Assim, é permitido supor que o sertão, *“na sua resistência e irreduzibilidade, seja o próprio Brasil que se representa e se singulariza e, pela atualização permanente desse mito, cada geração de brasileiros retome e reconstrua simbolicamente a saga épica do sertanejo”* (p.27).

Para aquele que é de fora, que não compreende nem respeita as características peculiares do sertanejo, a identidade da pessoa desta região é acompanhada de um orgulho e amor por si mesma. Não é uma identidade de superfície, que se esgota naquilo que se vê à primeira vista, mas uma identidade arraigada, imersa em valores regionais, orientada por um código secreto, embasada numa lógica própria. (FILHO, 2006, p.03)

Diegues (2001) afirma que a cultura sertaneja está presente desde o nordeste ao cerrado brasileiro tendo como característica marcante a criação de gado, animais de pasto e vastidão de itens usados para alimentação. A identidade sertaneja ultrapassa os valores morais e sentimentos chegando até os aspectos físicos-geográficos do lugar. Afirma também que a categoria sertaneja é pouco explorada, mas existem escritos consagrados que de alguma forma o fazem. Como, por exemplo, Darcy Ribeiro, Manuel Correia de Andrade, Donald Pierson, entre outros, que escreveram sobre os vários brasileiros, suas terras, ciência e beleza. Somente nas últimas décadas que o modo de vida sertanejo ganhou espaço em Universidades situadas no próprio sertão.

Segundo Little (2002) a diversidade sociocultural do Brasil está diretamente relacionada à sua diversidade fundiária. O que inclui as diversas estruturas fundiárias transmitidas por comunidades sertanejas. Assim, o que fundamenta os territórios sociais são justamente os seus vínculos sociais, simbólicos e rituais mantidos com o meio ambiente. Little afirma, desta forma, que o conceito de povos tradicionais *“surgiu para englobar um conjunto de grupos sociais que defendem seus respectivos territórios frente à usurpação por parte do Estado-nação e outros grupos sociais vinculados a este”*.

Tuan (1977), desde a geografia, faz a distinção entre o ‘espaço’ abstrato e genérico e um ‘lugar’ concreto e habitado. (...) A noção de lugar também se expressa nos valores diferenciados que um grupo social atribui aos diferentes aspectos de seu ambiente. Essa valorização é uma função direta do sistema de conhecimento ambiental do grupo e suas respectivas tecnologias. Essas variáveis estabelecem a estrutura e a intensidade das relações ecológicas do

grupo e geram a categoria social dos recursos naturais' (Raffestin 1993: 223-8). (LITTLE, 2002, p.23)

O espaço, assim explicitado, é passível de deslocamentos, e cada pausa desse movimento o transforma em lugar, ou seja, é a partir do valor e significação que o espaço torna-se lugar. Nesse sentido, vale lembrar o que Godoi (1999) afirma, ou seja, que ao nos propormos a estudar as práticas que caracterizam os modos de vida camponês, principalmente os do sertão, não podemos deixar de lado o universo simbólico que permeia as *“percepções e ações dos sujeitos inscritas nas condições sociais e historicamente situadas e ‘funcionando’ em um nível mais profundo do que a realidade passível de apreensão imediata – é preciso dar à luz as práticas”* (1999, p. 27). A paisagem e a natureza do e no sertão, assim como seus moradores nativos fazem o lugar, ao passo que as apropriações dos espaços e dos territórios modificam o modo de vida.

O SERTANEJO E O RIO SÃO FRANCISCO

Mas a gente é sertanejos, ou não é sertanejos?¹⁶



¹⁶ (ROSA, 1994, p.377). FOTO– Crianças na beira do Rio São Francisco em São Francisco-MG. FONTE: LUZ, Thaís. Norte de Minas Gerais, Maio de 2013. 1 fotografia, color

As características típicas desse homem sertanejo implicam diretamente na manifestação de festas religiosas ou até mesmo das vaquejadas, simbolizando aspectos da sua lida diária. Para sua produção de vida, o sertanejo, passou a desenvolver práticas alimentares a partir do extrativismo, e das roça e dos rios.

A cultura sertaneja, especializada na criação de animais de pastoreio, é marcada por certa dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização familiar, na estruturação do poder, na vestimenta típica (perneiras, guarda-peito, gibão), nos folguedos estacionais na visão de mundo, numa religiosidade propensa ao messianismo, na dieta e na culinária ‘...somos um povo que tudo come: ‘mato’ (legumes verdes, folhas), com exceção de couve que se cozinha junto com o feijão, a cebolinha e o coentro para o tempero. Não abatemos nem comemos filhotes de animais leitões, cordeiros, cabritos, vitelos. Talvez porque os nossos rebanhos sejam pequenos e por demais preciosos’. (R. de Queiróz, 1994). (DIEGUES, 2001, p.50)

Procuramos nos escritos de Antonio Carlos Diegues por saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil, assim como na antropologia da territorialidade de Paul Little, uma caracterização do que seria esse ser vivente do sertão, chamado de sertanejo. Porém, antes de nos debruçarmos sobre as considerações desses autores, gostaríamos de ressaltar que, para pensar e caracterizar o sertanejo, devemos pensar o sertão através do imaginário sertanejo, como afirma Godoi, procurando, como afirma Sena (1998) “penetrar no esquema mental do nativo respeitando a hierarquização que ele próprio estabelece entre suas categorias”. Também vale ressaltar a reação a Euclides da Cunha, interpretado por Sena(1998), que percebe o sertão não mais como uma lugar geográfico apenas, mas também como uma forma peculiar de organização social e modos de vida característicos.

Paul Little (2002) chama a atenção para o sentimento de pertencimento ao lugar e à cosmografia, vista como a relação estabelecida entre o sertanejo e o lugar onde vive:

A situação de pertencer a um lugar refere-se a grupos que se originaram em um local específico, sejam eles os primeiros ou não. A noção de pertencimento a um lugar agrupa tanto os povos indígenas de uma área imemorial quanto os grupos que surgiram historicamente numa área através de processos de etnogênese e, portanto, contam que esse lugar representa seu verdadeiro e único homeland. Ser de um lugar não requer uma relação necessária com etnicidade ou com raça, que tendem a ser avaliadas em termos de pureza, mas sim uma relação com um espaço físico determinado. Todavia, a categoria de identidade pode se ampliar, à medida que a identidade de um grupo passa, entre outras coisas, pela relação com os

territórios construídos com base nas suas respectivas cosmografias. (LITTLE, 2002, p.10)

Em concordância com Little, o sertão e o rio São Francisco no Norte de Minas Gerais têm suas histórias entrelaçadas, onde os ciclos da terra e da água formam o cenário dos sujeitos do campo à cidade. As histórias e *estórias* fazem a representação desse sertão, e são muitas as representações feitas e re-feitas sobre ele, sobre o rio e sobre os sertanejos ribeirinhos.

Nos sujeitos moradores antigos das margens do Rio São Francisco encontramos os exemplos de sertanejos, homens do sertão representados por João Guimarães Rosa em sua obra, que lidam constantemente com os ciclos da vida rementendo sempre à memória e as lembranças nas representações e enfrentamentos da vida. A memória e a alma do lugar se misturam e assentam-se nos vários caminhos e recantos.

Ao propor estudar as práticas que caracterizam os modos de vida sertanejos, não podemos deixar de lado o universo simbólico que permeia o contexto sócio histórico das apropriações dos espaços e dos territórios que modificam a vida das pessoas do lugar.

Segundo Neves (1998) data de fins do século XVII e início do século XVIII o surgimento de aldeamentos cristãos, fundados por missionários ao longo do Rio São Francisco e orientados para o trabalho de catequizar os nativos. Nessa mesma época cresce também o número de criadores de gado e vaqueiros na beira do Rio.

No século XVII, os paulistas encontraram densas matas no Alto Rio das Velhas, onde puderam explorar madeira para construções diversas. Um grupo de armadores passou a construir ‘grandes e boas canoas, conforme o documento anônimo, Informações sobre as minas do Brasil, da primeira década do século XVIII. Esses barcos eram lançados naquele afluente percorrendo aproximadamente 600 km até alcançar o Rio São Francisco. (...) O São Francisco era, assim, procurado por ter largueza de campo e água sempre manante de rios e lagoas. (NEVES, 1998)

Já no século XVIII com a forte exploração de ouro e pedras preciosas, do Médio São Francisco saem a rapadura, a farinha, o peixe seco e a cachaça que abastecem as minas (NEVES, 1998). É também nesse século que o “*sal*”, conhecido como “*sal da terra*” torna-se fonte maior de riqueza do Rio São Francisco, até metade do século XIX, quando aparece o sal marinho que é de qualidade superior ao sal da terra. A

característica forte do sertanejo é criar mecanismos de sobreviver às diferentes condições que o lugar proporcionava.

O regime alimentar, as práticas agrícolas, extrativas e de convívio com o sertão mineiro, encontra seu nexo na relação homem-natureza e se realiza nas práticas sociais, no modo e nas condições de vida das comunidades locais (PORTO-GONÇALVES, 2000, p. 23).

Segundo Neves (1998) as barcas, as canoas e os remos se faziam presentes no dia-a-dia dos sertanejos ribeirinhos e a permanência das barcas na ribeira apontava o comércio ambulante, os serviços de barcas de frete, o sistema de crédito e, acima de tudo, a presença de seus tripulantes.

Existiam, assim, barcas que eram fretadas pelos comerciantes ou fazendeiros para despachar algum carregamento em cidades beira-rio. Estas barcas costumavam subir e descer o rio inúmeras vezes, parando sempre nos lugares de costume. Assim estabeleceu-se um sistema de crédito de “*vender na ida para receber na volta*”, o que beneficiava os ribeirinhos, já que as barcas levavam até quatro meses para voltar naquele lugar. As embarcações eram movidas pela força física de homens que manipulavam remos e varas para movê-las, esses homens ficaram conhecidos como os remeiros (NEVES, 1998).

Por conseguinte, o Rio São Francisco tem importância não só para a sociedade Brasileira, no que diz respeito ao seu desenvolvimento e sua expansão territorial, mas também para os sujeitos singulares que vivem às suas margens, acostumados aos “*combates contra as secas e inundações, que ameaçam a existência dos rebanhos*”¹⁷. Richard Burton em “Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico” apresenta os registros que fez (observações, natureza, economia, população, etc.), por onde passou na sua viagem pelo Rio São Francisco, no ano de 1867. No início de cada capítulo desse seu trabalho ele traz frases ou citações que representam aquilo que ele descreve ao longo do texto, muitas vezes, fazendo referência ao Engenheiro Halfed¹⁸. Ao passar pela região ribeirinha do São Francisco, etnografando com detalhes o dia-a-dia das comunidades, os acontecimentos - como os bichos-de-pé que atacavam a todos - , o caráter tranquilo do povo daquele lugar e as paisagens naturais de Guaicuí, Burton destaca, principalmente, o encontro do São Francisco com o Rio das Velhas: “*Se algum lugar merece selo de grandeza conferido pela mão da Natureza é essa confluência*”.

¹⁷ (ROCHA, 1983, p. 28)

¹⁸ Autor do Atlas e Relatório do Rio de São Francisco desde a Cachoeira de Pirapora até ao Oceano Atlântico, datado de 1860

Sua descrição do Rio São Francisco faz uma abordagem sobre o que ele pode ver naquele “*grande e famoso lago, que seria muito desejável descobrir*”. Burton descreve a nascente e os seus afluentes; os peixes e a população beneficiada por aquelas águas, compara a bacia com a do Rio Amazonas e ambas com a do Rio Mississipi. O autor usa de estudos geográficos para explicar a formação hidrográfica do São Francisco e as rochas que compõem sua bacia, faz ainda outra abordagem do Rio como via de comunicação, classificando, todavia, como uma comunicação ainda embrionária pelo fato de que naquela época ainda não havia condições para uma travessia segura, assim, Burton faz uma observação muito interessante:

Quando estiver densamente habitado, o grande vale ribeirinho, a rápida drenagem irá aumentar as enchentes e as secas correspondentes. Tornar-se-á então, necessário construir represas na artéria principal e nos tributários, sólidos paredões, partindo de ambas as margens, deixando uma fonte corrente no centro, e criando a profundidade suficiente de água para a navegação.

As chuvas fazem os ribeirinhos entrarem como que num período de hibernação, entretanto, logo em seguida a comitiva sai debaixo de sol escaldante. É possível tirar daí uma noção do clima do sertão mineiro: chuvas e sol fortes, quase concomitantemente.

Destarte, entender as estratégias das pessoas desse lugar-sertão deve perpassar a análise do modo de vida estabelecido na relação com o Rio São Francisco, os relatos durante de histórias que fazem parte da representação do sertão e que servem para melhor compreender esse homem sertanejo. A memória e as lembranças das representações e enfrentamentos cotidianos são recorrentes nas narrativas dos ciclos da vida. Outrossim, O rio também era visto como lugar de trabalho, são vários os relatos de moradoras que lavavam suas roupas nas pedras e águas do São Francisco. O Rio não era ou é só lazer e estrada: é também trabalho e sustento, pois o pescado não só alimenta, mas garante renda na sua comercialização.

Através da oralidade a importância do rio para as pessoas que vivem às suas margens torna-se perceptível, ele foi e é um “ser” que faz a vida dos ribeirinhos. Os depoimentos, porém, relatam as modificações do rio, resultando em partidas dessas pessoas dos seus lugares de origem. Todavia, o rio e o sertão são os elementos que tecem a vida dessas famílias no sertão molhado.

Esta categoria Sertão Molhado a que faço referência é a mesma dos antropólogos *Carlos Rodrigues Brandão* e *João Batista de Almeida Costa*, e da

socióloga *Andrea Maria Narciso Rocha de Paula*. As discussões da categoria sertão molhado surgiram ao longo de projetos de pesquisas no Norte de Minas Gerais desenvolvidos por esses pesquisadores. Foi no desenvolvimento do projeto Opará que esses pesquisadores fizeram uma divisão geográfica para pesquisa em duas equipes: Sertão Seco, localizado para além das margens do Rio São Francisco compreendendo a região do Rio Pardo de Minas e Jequitinhonha, e Sertão Molhado/ Sertão do São Francisco, localizado às margens do Rio e nas suas ilhas. O que define esse sertão molhado é o forte sentimento de pertencimento a um lugar-sertão formado pelo cerrado e Rio São Francisco. Sentimento esse que reflete numa pluralidade de traços culturais e apropriações/re-significações diversas do meio ambiente e sua própria história.

Assim, é necessário ter em mente que todos os processos que os povos daquele lugar passam tem relação direta com o Sertão e com o Rio São Francisco, com seu sentimento de pertencimento ao lugar, e sua relação com suas festas religiosas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. G; MENDES, G. F. **Memória, símbolos e representações na configuração socioespacial do sertão da Ressaca – Bahia.** *Mercator* – Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante/** - São Paulo: Brasiliense, 1999
- _____. **A comunidade tradicional.** Relatório final Projeto Opará. Minas Gerais. 2010
- BURTON, Richard. **Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico.** Belo Horizonte. Ed. Itatiaia. 1977.
- CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Livraria Duas Cidades, 1971.
- CASTORIADIS, C. A Instituição Imaginária da Sociedade. Tradução por Guy Reynaud. 2.ed., Rio, Paz e Terra. 1986. 418p.
- _____. **As Encruzilhadas do Labirinto/2.** Os Domínios do Homem Tradução por José Oscar de Almeida Marques. Rio, Paz e Terra. 1987. 466p.
- _____. **Feito e a ser feito.** As encruzilhadas do Labirinto V. Tradução Lílian do Vale. DP&A Editora. [1997]. 1999, 302p.
- CAVALCANTI, Dirce A. **(O Velho Chico, ou a vida é amável.** São Paulo, Ateliê. 1998.
- DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec, 2001.
- FERREIRA JUNIOR, Fernando Afonso. **Nonada – o sertão no processo de formação do estado nacional (1822-1862).** São Paulo: Catálogo USP, 2009.
- FILHO, Otaviano de Oliveira. **Resistência identitária: a configuração etnocultural da comunidade sertaneja norte-mineira no processo histórico de Minas Gerais.** Acesso em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006/textos/resistencia_identitaria.pdf
- GODOI, Emília Pietrafesa de. **O trabalho da memória:** cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- KAGEYAMA, Angela *et al.* **O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais.** In: DELGADO, Guilherme Costa *et al.* (orgs.), *Agricultura e políticas públicas.* Brasília, IPEA, (Série IPEA, 127), 1990, p. 113-223.
- LITTLE, P. **“Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade”.**Série Antropológica 322. Brasília: UNB, 2002.
- LIMA, Eli Napoleão de.. COSTA, Luiz Flávio Carvalho e outros (orgs). **Mundo Rural e Tempo Presente.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- LIMA, Eli Napoleão e outros (orgs). **De sertões, desertos e espaços incivilizados.** Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001.
- LIMA, Natália Fernandes. OLIVEIRA, Manoel N. A. RESENDE, Aline de Jesus. **Estranhos (DES)Encontros: trabalhadores rurais migrantes e educação.** Goiás. 2008. I

- MARTINS, José de Souza. **O vôo das Andorinhas: Migrações temporárias**, in: Não há terra para plantar neste verão: o Cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. Petrópolis, Vozes, 1986.
- MAZZETTO, Carlos E. Silva . **Territorialidade Camponesa e agronegócio: o sentido e a sustentabilidade dos territórios rurais em questão**. In: Amélia Cristina Alves Bezerra; Cláudio Ubiratan Gonçalves; Flávio Rodrigues do Nascimento; Tadeu Alencar Arrais. (Org.). Itinerários Geográficos. 1 ed. Niterói: Ed.UFF, 2007, v. , p. 215-242.
- MAYNART, Anette Coeli Neves. **Ribeirinhos da cidade de São Francisco, MG: riqueza do artesanato local e percepção sobre as políticas públicas para sua preservação**. Pesquisa em Debate, edição especial, 2009.
- Moura, Auricharme Cardoso de. **Desenvolvimento social através do terceiro setor na cidade de São Francisco (MG)**. Revista desenvolvimento social nº 7, 2012.
- NEVES, Zanoni. **Navegantes da integração: os remeiros do rio São Francisco**. Belo Horizonte, UFMG, 1998.
- PALMEIRA, M., LEITE, S. Debates econômicos, processos sociais e lutas políticas. In: Costa, L. F.; Santos, R.N. (orgs.) Política e reforma agrária. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. **Integração dos migrantes no mercado de trabalho em Montes Claros, Norte de Minas Gerais: “A Esperança de Melhoria de Vida”**. 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)– Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2003.
- _____. **Viver Sertanejo, criar lugares: diásporas dos sujeitos rurais no Norte de Minas Gerais**. Geografia – UFU, Uberlândia, 2009.
- _____. **Travessias... Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais**. 2009. 350 f. Tese (Doutorado em Geografia)- Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2009.
- _____, et al. **A região Mineira do Nordeste**. XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária. Rio de Janeiro. 2006.
- _____, CLEPS, J. **Migrações campo-cidade: os diferentes enfoques interpretativos**. Minas Gerais, 2008.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. **As Minas e os Gerais – Breve ensaio sobre desenvolvimento e sustentabilidade a partir da Geografia do Norte de Minas**. In. LUZ, Cláudia e DAYRELL, Carlos (Org). Cerrado e Desenvolvimento: Tradição e Atualidade. Goiânia: Agência Ambiental de Goiás, 2000.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural-cidade**, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **História dos Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- _____. **Manuelzão e Miguilim**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- RONCARI, Luiz. **“Dez teses para o estudo de Guimarães Rosa”**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.15.n.10. p. 243-248, 1º sem. 2002.
- ROCHA, Geraldo. **O Rio S. Francisco: Fator precípua da existência do Brasil**. 3rd edition. Brasileira 184. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.
- SALIM, C. A. **As políticas econômica e tecnológica para o desenvolvimento agrário das áreas de cerrados no Brasil: avaliação e perspectivas**. In: Cadernos de Difusão. Rio de Janeiro, 1986.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço - Técnica e Tempo. Espaço e Emoção**. 4ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SENA, Custódia Selma. **A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica**. Sociedade e cultural, 1(1): 19:28, jan/jun. 1998.
- SENA, Custódia Selma; SUÁREZ, Mireya. Org. **Sentidos do sertão**. Goiânia: Cãnone editorial, 2011.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte da cana em São Paulo**. Cad. CERU, São Paulo, v. 19, n. 1, jun. 2008. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-45192008000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 maio 2012
- SILVA, Valmiro Ferreira. **Uma Enchente, Uma História, Um Povo: A formação do Bairro Sagrada Família Em São Francisco MG**. São Francisco: 2008. UNIMONTES (monografia).
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar : a perspectiva da experiência**. Trad. de Lívya de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.
- _____. **Topofilia : um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. de Lívya de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980